

X  
 Argeniro,

Recibi esta tarde a tua apressada carta de 27 de mês  
 f. f. Não sabia que a sra D. Amélia estivesse doente;  
 irei visitá-la amanhã.

Deixei hoje no Hotel Paris para ser entregue ao Sr.  
 Adriano Ribeiro F.º que pegue depois de amanhã para  
 aí, o livro para o registro partidário com o respectivo  
 índice; pedi por escrito ao mencionado senhor, que não  
 encontrei no hotel, ~~que~~ entregasse o livro ou a ti ou  
 ao sr. Amando Motta. Junto a esta carta vai o reci-  
 bo; custou 25\$000rs. Parece que o modelo por mim  
 imaginado preenche regularmente os seus fins. O  
 Gaybor Saldanha que está aqui e acompanhou o babe-  
 da a Taquara e São-Francisco-de-Paula, encontra-  
 dou um igual para Alegrete. Não tive ocasião de  
 mostrá-lo ao babeda, o qual, parece, vai amanhã nova-  
 mente para fora; porém, porém, algumas folhas des-  
 tacadas, que me servirão para a propaganda do  
 livro. Uma vai ser enviada para Jaguarão.

Talvez estranhes no livro de registro a coexistência  
 de duas colunas, uma para os nomes e outra  
 para a assinatura. Tendo este meu registro de todos  
 os partidários, sejam eles eleitores ou não, constitui-  
 de isto grande vantagem, justifica-se tal dualidade

pelo seguinte: O lançamento da assinatura no registo é uma necessidade, para que aquela seja reconhecida quando for de mister ~~de~~ nos diversos actos internos do partido. Mas, se houvesse uma só columna, esta deveria ser naturalmente reservada à assinatura, e aconteceria assim que o registo só poderia ser feito quando o individuo comparecesse à sede do município, sendo isto um inconveniente. Além disto, a assinatura é muitas vezes um hieroglifo indecifrável. Assim, havendo também uma columna para o nome, este é lançado no livro com letra legível pelo encarregado do serviço, e independentemente da presença do individuo.

Comunice-se com toda a solemnidade, que sou representante do 2.º distrito de P. Alegre junto ao directorio local. A eleição foi feita domingo atrasado, há por consequência 9 dias, no matto dos atiradores; ~~há por~~ falou o Cabeda, de maneira despretenciosa e franca; elle resumiu o seu discurso com a seguinte fórmula, que é um modelo de concisão: "Voto na honra e dinheiro na caixa." Disse-nos muitas boas verdades e foi muito aplaudido. Falaram também o Morais Fernandes, o Saldanha e o Olimpio Duarte. O discurso d'este foi um verdadeiro desastre: imagine

que elle fez profissão de fei monarchista! Se o partido estivesse organizado como eu souho, seria caso, pelo menos, fiava um processo de responsabilidade, que terminaria quasi fatalmente pela expulsão. Tambem, caíram-lhe em cima o Cabeda, o Morais Fernandes, o Saldanha e até quem dizia! a minha timidissima personalidade. Não vás imaginar, porém, que este meu acto fôsse espontaneo: foi o resultado de uma violência inaudita. Esgotada a série dos oradores, houve um garoto, não sei quem, que se lembrou do meu nome. Neguei-me, debati-me, espreei em vão: tive que trepar para uma mesa e de lá pôttar o verbo. E que disse não sei, parecia-me estar num souho. Bouches apenas que fui esvelmente impiedoso: caí com toda a força da minha eloquência (!), sobre o nome monarchista. Quando desci e' que me ocorreu ter eu perdido uma excellentes occasião para juntar ao que o Cabeda dissera, umas coisas mais que nós pensámos. Tantos é verdade que sempre vencem as más inclinações! Há uma atenuante: eu poderia imaginar tudo, menos que tivesse que falar naquele dia. Foi um improvisado de verdade.

Não sei se estarei em condições de satisfazer a

Tua indicação para colaborar no "Parlamentarista":  
em todo o caso farei o que for possível. Não falei  
hoje com o Alvaro.

Estive hoje longamente com o António Bittercourt  
de Arambuja, que veio impetrar uma ordem  
de habeas corpus em favor do promotor que  
chicotou o juiz em Passo Fundo. É republicano  
dissidente; dei-lhe uma brutal injeção de prole-  
mencionismo. É uma necessidade infeliz arran-  
jar fundos para a distribuição gratuita do livro de  
Medeiros. Isto vem a propósito de uma observação  
que o Arambuja me fez: é que aí fora fora os  
federalistas têm que assinar, com verdadeiros  
sacrifícios, diversos jornais de oposição, quando com  
menos esforço e maior eficácia se conseguiria man-  
ter um bom jornal em P. Alegre. A observação é sensata.  
Não rejeitei, porém, a utilidade dos jornais locais.  
Como se vê, a questão é complexa.

Devo dar-te uma nova que, por certo, te vai pro-  
prender. O Faustino partiu ontem para a Itália, em  
cujo exército vai servir como voluntário. Creio que já  
conheces algo da sua índole e temperamento. É extra-  
vagante e desregrado apesar de seu apreciável  
fundo de bondade. Ultimamente parecia bem confor-

Tudo, estudava com afieiro fora fazer exames de admissão no Instituto de Agronomia. Lá uma semana demorou, passou diversos dias fora de casa e pôs fora seu dinheiro. O velho está preocupado com o destino que lhe devia dar, quando o Faustino após este dilema: ou iria para a guerra, a ser se muda de comportamento, ou faria uma grande ameaça. Isto foi sexta feira; quando ele fez tal comunicação, já tinha todos os formalidades encaminhadas. É uma resolução extrema; mas, a meu ver, a única capaz de sustar a série de males que, de vez em quando, ele vinha fazendo.

Vou procurar o "Parlamentarista" para afueirar o teu artigo calibre 42. "Fazes bem em aproveitar a oportunidade, pois os sociólogos da federação" estão com uma tremenda "invenção". Imagina que o Penafiel foi calcular a proporção dos óbitos por tuberculose em Porto Alegre e errou na divisão, achando seu coeficiente de 0,4 ‰ em vez de 4 ‰. O Fábio não perdou e caiu-lhe em cima. Recomenda-te o Diário; há boas coisas de Fábio.

Por hoje páqui; estou muito prolixo e confuso. Recomenda-me ao Sr. Modesto.

D. Paul

Porto Alegre, 1.º de Maio de 1916